

Como anda a mediação didática? Para pensar as abordagens dos temas clássicos nos livros didáticos de Sociologia.<sup>1</sup>

Vinícius Carvalho Lima<sup>2</sup>  
Danielle Rodrigues de Oliveira<sup>3</sup>

## 1. Apresentação

Este texto foi produzido no âmbito do Laboratório de Ensino de Sociologia Florestan Fernandes da UFRJ, como forma de divulgar os resultados parciais das pesquisas de seu subgrupo dedicado à análise dos livros didáticos de Sociologia para o Ensino Médio<sup>4</sup>. Este grupo congregou pesquisas de alunos do curso de especialização em ensino de Sociologia, cujas monografias foram orientadas em estreita sintonia com um projeto de doutorado em Sociologia ainda em andamento<sup>5</sup>, tendo em comum o propósito de investigar as concepções e expectativas atribuídas às Ciências Sociais na formação dos alunos do Ensino Médio expressas nos livros didáticos de Sociologia brasileiros publicados em 2010. As pesquisas priorizaram a análise temática dos conteúdos em três livros, elegendo quatro temas ditos “clássicos” das Ciências Sociais: Trabalho, Desigualdades Sociais, Movimentos Sociais e Violência/Criminalidade. Portanto, não é o intuito deste trabalho fazer uma análise da recepção ou utilização dos livros nas salas de aula, apesar de identificar a importância e relevância desta tarefa que deve ser contemplada por pesquisas futuras.

Portanto, a preocupação central recai sobre a configuração da Sociologia como disciplina escolar. Ao eleger o livro didático como recurso empírico de análise, considera-se seu potencial de divulgação científica e de apoio para a formação sociológica e política de milhões de jovens matriculados no nível médio de ensino; além de ter um papel considerável na formação, inicial ou continuada, do professor e na definição das diretrizes curriculares para a disciplina (Chervel, 1990; Lajolo, 1996; Choppin, 2004; Lopes, 2007).

---

<sup>1</sup> Uma versão inicial deste artigo foi apresentada no GT 10 - Ensino de Sociologia do XVI Congresso Brasileiro de Sociologia, realizado em Salvador, Bahia, em 2013, junto com a nossa orientadora Julia Polessa Maçaira. Retomamos algumas reflexões do texto para apresentação o IV ENSOC, porque acreditamos que é necessário o debate sobre o livro didático entre os professores de Sociologia e para divulgação de nossas monografias de especialização.

<sup>2</sup> Professor de Sociologia Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio de Janeiro (IFRJ), Mestre em Planejamento Urbano pelo IPPUR-UFRJ, especialista em Ensino de Sociologia (CESPEB-UFRJ) e doutorando em Sociologia (IFCH-UNICAMP). Contato: [viniciuscarvalho.cs@gmail.com](mailto:viniciuscarvalho.cs@gmail.com)

<sup>3</sup> Professora de Sociologia da rede estadual do Rio de Janeiro, Mestre em Sociologia pelo PPGSA-UFRJ e especialista em Ensino de Sociologia (CESPEB-UFRJ). Contato: [danielliveira@gmail.com](mailto:danielliveira@gmail.com)

<sup>4</sup> Trata-se do Grupo de Estudos do Livro Didático de Sociologia (GELDS), criado em 2012.

<sup>5</sup> Projeto de nossa orientadora na especialização Julia Polessa Maçaira.

Com a inclusão da Sociologia no Programa Nacional do Livro Didático (PNLD) 2012, esse potencial foi ampliado pela distribuição gratuita de exemplares para, em tese, todas as escolas públicas de ensino médio do país, alcançando cerca de oito milhões de estudantes<sup>6</sup>. Desse ponto de vista, os livros são objetos privilegiados de análise, portadores de uma determinada concepção acerca do conhecimento sociológico que está circulando em dimensões inéditas na história das Ciências Sociais do Brasil e representam, em certo sentido, o que vem sendo ensinado nas aulas de sociologia.

As pesquisas estão sendo orientadas pela seguinte questão: **será que existe uma sociologia propriamente escolar? Uma disciplina Sociologia específica da escola, que esteja sendo criada nos livros didáticos direcionados para as instituições escolares? Ou será que os conhecimentos sociológicos estão chegando à escola através de deslocamentos mecânicos oriundos da formação universitária? Será que os livros didáticos de Sociologia feitos no Brasil ainda guardam estreita relação com o tipo de ensino característico dos cursos de graduação em Ciências Sociais?** Nesse sentido, as pesquisas buscam identificar os processos de recontextualização didática (Bernstein, 1992) utilizados pelos editores e autores para transformar a ciência de referência em conhecimento escolar.

O trabalho de Sarandy (2004) indicou que os livros didáticos de Sociologia das décadas de 1980/1990 eram marcados por uma predominância da abordagem conceitual dos clássicos das Ciências Sociais e buscavam “reproduzir” o tipo de ensino praticado na formação do cientista social no nível superior. Partindo desta hipótese é possível questionar se ocorreram mudanças na produção didática disciplinar no país e, em caso positivo, quais foram.

Do ponto de vista metodológico, a análise comparativa entre distintas publicações visa apontar semelhanças e diferenças, através de cotejamentos e contrastes, entre as produções de cada editora, trazendo elementos de reflexão e contribuindo para o debate brasileiro sobre o ensino de Sociologia na Educação Básica. Foram escolhidos três livros para esta análise:

---

<sup>6</sup> Em 2009, foram contabilizadas 8.398.679 de matrículas no ensino médio regular e na educação de jovens e adultos das redes públicas e privadas de ensino. Fonte: Censo Escolar 2009 - INEP (Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira).

1. Sociologia para jovens do século XXI; autores: Luiz Fernandes de Oliveira e Ricardo Cesar Rocha da Costa, Editora Imperial Novo Milênio, Rio de Janeiro, 2010, 2ª edição (347 páginas).
2. Sociologia para o Ensino médio; autor: Nelson Dácio Tomazi, Editora Saraiva, São Paulo, 2010, 2ª edição (256 páginas)
3. Tempos modernos, tempos de sociologia; coordenadoras: Helena Bomeny e Bianca Freire-Medeiros, Ed. do Brasil / FGV, São Paulo, 2010, 1ª edição (280 páginas)

Os livros das editoras Saraiva e da Ed. do Brasil/FGV foram aprovados no processo avaliativo do Programa Nacional do Livro Didático (PNLD 2012), portanto sua inclusão justifica-se pelo potencial de distribuição subvencionada pelo Ministério da Educação para colégios públicos de todo o país. O livro da Editora Imperial Novo Milênio está na 3ª edição e foi incluído devido à sua considerável circulação nos colégios do estado do Rio de Janeiro e por contemplar os quatro temas escolhidos para a análise temática: trabalho, desigualdades sociais, movimentos sociais e violência e criminalidade. O quadro abaixo mostra como as temáticas supracitadas estão presentes em cada edição:

A inclusão de uma terceira edição, além dos dois livros aprovados e distribuídos pelo PNLD, deveu-se à necessidade de comparar a abordagem da temática violência/criminalidade que não foi contemplada na edição 2010 do livro da Ed. Saraiva. Além desta breve apresentação do tema e das principais questões norteadoras das pesquisas, o texto encontra-se dividido em mais duas partes: uma descrição panorâmica das edições analisadas e a exposição de exemplos de transposição didática para cada temática, em cada livro. Foram analisados os livros do aluno e os manuais do professor (MP).

## **2. Exemplos de transposição didática nos livros de sociologia**

Nesta seção, foram eleitos um ou dois exemplos de transposição didática por tema em cada livro didático. A seleção dos exemplos pretende contemplar a ampla

variedade de recursos didáticos presentes e mobilizados pelas autorias com o intuito de tornar o conhecimento sociológico acessível para o leitor/aluno do ensino médio. Os estudos sobre a especificidade do conhecimento escolar tem ganhado vulto no campo educacional, em especial na Sociologia da Educação, destacando, inclusive, a importância de reconhecer as disciplinas escolares e seus processos de mediação como um campo de conhecimento, distinto, mas não menos relevante, que o conhecimento científico. Autores como Gimeno-Sacristán e os canadenses Tardif, Lessard e Lahaye ressaltam que o “saber-fazer” pedagógico tem características singulares, posto que o conhecimento científico precisa ser adaptado, traduzido, adequado para o nível de ensino ao qual o processo de ensino-aprendizagem se destina. Nesta perspectiva, a prática docente é valorizada através de um referencial teórico que evidencia os *saberes docentes* (disciplinares, pedagógicos, curriculares) e os *saberes oriundos da experiência*.

Dentre as contribuições de Yves Chevallard destaca-se a reabilitação do conceito de “transposição didática” cunhado, em 1975, pelo também francês Michel Verret. No modelo analítico de Chevallard há a “busca por uma explicação epistemológica: por quais transformações passam os saberes para se tornarem escolarizáveis?” Ele refere-se aos *saberes sábios* e, retomando Verret, ao *tempo de saber* e ao *tempo de ensino* para explicar como são criados os objetos de ensino (ensináveis e passíveis de serem aprendidos). Portanto, na transformação do saber sábio para o saber ensinado ocorrem processos de despersonalização, descontextualização e dessincretização (Chevallard, 1991). Para exemplificar a transposição didática nos livros didáticos selecionados, partimos para sua identificação nas referidas obras didáticas.

## 2.1 - Violência / Criminalidade

O capítulo reservado para a discussão sobre violência, no livro da Ed. Imperial Novo Milênio é o 21º, que tem por título “Chegou o caveirão! E agora? Violência e Desigualdades Sociais”. Possui 20 páginas, incluindo o conteúdo e os exercícios. Os autores optaram por tratar no mesmo capítulo de temas vinculados à violência, como: a desigualdade social, o consumismo, a repressão policial, o sistema carcerário e o mercado de drogas. Tal estratégia coloca para o leitor um panorama amplo da problemática, porém menos aprofundado. A linguagem utilizada se aproxima mais da

forma cotidiana do que da modalidade acadêmica, além disso, enfatiza as citações e dados estatísticos para compor os argumentos. A preocupação com a linguagem, bem como o uso de recursos não textuais – como a presença marcante de imagens de filmes comerciais que possivelmente os alunos já assistiram e o uso de estatísticas – são ferramentas que facilitam o entendimento das temáticas abordadas na Sociologia da Violência e que podem provocar a curiosidade dos alunos.

Muitos autores são utilizados no capítulo, como Pierre Clastres, Michel Misse, Paulo Sérgio Pinheiro, Sérgio Adorno, Émile Durkheim, Karl Marx, Max Weber, Pierre Bourdieu, LóïcWacquant, Milton Santos, Manuel Castells, Paulo Lins e Luiz Eduardo Soares. Nota-se a presença de pesquisadores nacionais e contemporâneos durante o capítulo. Também são frequentes os exemplos da região Sudeste do país, como o caso do “caveirão”<sup>7</sup> mencionado no título do capítulo, a instalação das UPPs (Unidades de Polícia Pacificadora nas favelas cariocas), e o tráfico de drogas, mas também verificamos dados estatísticos de comparações do Brasil com outros países e entre as regiões brasileiras.

Podemos concluir que a ênfase do capítulo está na percepção de que as desigualdades sociais e o estado neoliberal podem ser considerados as principais causas da violência, dado que a produção da exclusão faz com que alguns grupos sociais sejam privados da plena cidadania e, por conta disso, fiquem vulneráveis a praticar ou sofrer as ocorrências violentas.

À temática “Violência” é dedicado todo o 18º capítulo do livro da Ed. do Brasil/FGV, com 12 páginas completas incluídos textos e exercícios, nomeado “Violência, crime e justiça no Brasil”. Diferente do que vimos em outros livros didáticos, as autoras optaram por dar mais espaço a discussão teórica do que o diálogo com recursos visuais. A linguagem do livro é mais rebuscada, no que tange ao uso frequente de conceitos sociológicos para discutir a temática da violência, acessando autores como Michel Foucault, Alba Zaluar, Edmundo Campos Coelho, Luiz Antônio Machado da Silva, Michel Misse, Sérgio Adorno, Max Weber e Norbert Elias. É marcante a presença de muitos pesquisadores brasileiros e contemporâneos, que pensam a questão da violência nos dias atuais e, especificamente, com um olhar direcionado para a região sudeste do país.

---

<sup>7</sup> Carro blindado da Polícia Militar do Rio de Janeiro utilizado nas ações das forças de repressão em regiões de favelas.

Uma das chaves de análise que ganha ênfase no capítulo é a desconstrução da lógica do senso comum que associa pobreza à violência. As autoras reservam um importante espaço para fortalecer a percepção de que, a criminalização da pobreza esconde a visível desigualdade social no nosso país, que, além de outros fatores, promove a punição de apenas alguns grupos sociais, nesse caso os mais pobres. Para a redução de tal característica, é enfatizada a necessidade do fortalecimento da democracia a partir da participação dos cidadãos. Em um dos exercícios, as autoras incitam o aluno a pensar nas diversas formas de ocorrência da violência existentes. Essa provocação permite que ele problematize e desnaturalize ações que em seu cotidiano possam ser comuns, mas que podem representar violações aos direitos humanos.

Comparado aos outros livros, este tem uma aproximação maior com a análise sociológica acadêmica, já que, ao mobilizar diretamente alguns conceitos, utilizar pesquisadores contemporâneos e trazer uma linguagem mais formal, permite que os alunos tenham contato com o que os cientistas sociais dizem a respeito do que ocorre em seu cotidiano.<sup>8</sup>

## 2.2 - Trabalho

No livro da Editora Imperial Novo Milênio, a discussão sobre o mundo do trabalho é apresentada em dois capítulos: o 8º - “Ganhava a vida com muito suor e mesmo assim não podia ser pior”. O trabalho e as desigualdades sociais na História das sociedades”, com 17 páginas, e o 11º - “Um novo fastfood para você: mundo do trabalho e educação”, com 14 páginas.

A primeira parte é composta por uma introdução trazendo uma perspectiva histórica sobre os tipos de trabalhos em distintas sociedades, como a primitiva, a estamental, a oriental e escravista. Karl Marx é a principal referência teórica, dado que os conceitos de modo de produção, força de trabalho, forças produtivas e relações de produção são apresentados aos alunos logo na introdução do texto. As desigualdades sociais compartilham o foco do capítulo com o tema trabalho e autores como Max Weber, Gaetano Mosca, Vilfredo Pareto e Robert Michels são as referências teóricas nessa discussão.

---

<sup>8</sup> O livro da editora Saraiva não possui capítulo referente à temática Violência.

No segundo trecho, a análise está focada para as formas contemporâneas de trabalho, posto que o fordismo e o taylorismo, a flexibilização, a terceirização, a reestruturação produtiva e o desemprego perpassam a discussão. Ricardo Antunes, Gaudêncio Frigotto, Hobsbawm e Bourdieu são algumas referências utilizadas. O uso de dados estatísticos – DIEESE e OIT -, e exemplos cotidianos - como o da criação de caixas eletrônicos que substituíram a mão de obra nos bancos – são estratégias que aproximam os alunos dos eventos e permite que eles percebam que o processo de flexibilização e precarização do trabalho não estão distantes, mas muito próximos de suas realidades cotidianas, afetando, provavelmente, suas próprias famílias. O capítulo se encerra com um questionamento sobre a qualidade da educação, que segundo os autores, é uma educação *fastfood*, dado que tem como propósito atender a um interesse mercadológico, que não forma os indivíduos, mas os tornam minimamente capazes de ingressar no mercado de trabalho. Sendo assim, a educação de qualidade se torna uma moeda cara, reservada apenas aos grupos mais favorecidos. A desigualdade social diferencia aqueles que podem estudar daqueles que precisam de uma formação rápida para entrar no mercado de trabalho. Essa leitura, como tema finalizador do capítulo, propicia a extensão do conhecimento, já que o aluno pode refletir sobre o assunto além da sala de aula ao avaliar a situação dos membros da sociedade que o circundam.

Já no livro da editora Saraiva, a discussão é realizada em três capítulos distintos, que compõem a unidade 2 intitulada “Trabalho e Sociedade”. São ao todo 30 páginas de discussão (37 a 67). O primeiro capítulo busca a compreensão dos diferentes tipos de trabalho existentes historicamente, como nas sociedades tribais, o trabalho escravo e servil, e as bases do trabalho na sociedade moderna, com a mudança de perspectiva sobre o trabalho – que deixa de ser uma atividade penosa e precisa se tornar positiva – e a introdução da manufatura. No capítulo seguinte a discussão se apropria dos conceitos sociológicos com os usos das teorias marxista – mais valia - e durkheimiana – solidariedade orgânica e mecânica. Robert Castel e David Harvey são referências para tratar sobre a acumulação flexível, que utiliza exemplos cotidianos - como o desemprego e a falta de estabilidade empregatícia - para trazer a compreensão dos conceitos.

A unidade é finalizada com um capítulo dedicado à realidade brasileira: a escravidão, a passagem para o trabalho livre e a chegada dos imigrantes são referências

históricas utilizadas. O desemprego e a desqualificação profissional surgem como características do cenário atual. Nenhum autor é citado neste capítulo.

Ao final da unidade é possível ter acesso a uma série de textos complementares e um deles, que trata sobre os trabalhadores do corte de cana em São Paulo, que ganham R\$2,20 a tonelada cortada, fornece elementos que capacitam o aluno para mobilizar os conceitos de precarização do trabalho. No exercício referente ao texto, que perpassa o entendimento sobre a exploração do trabalho, o autor mobiliza o aluno a compreender o quanto um trabalhador do corte de cana, que aparentemente está distante espacialmente, está relacionado ao seu cotidiano (já que fazemos uso do açúcar e do etanol). Sendo assim, essa estratégia mobiliza a compreensão do que é a divisão social do trabalho. Essa aproximação de contextos configura-se como um exemplo de transposição didática, pois leva o aluno a compreender o meio social em que está inserido, em que todas as atividades laborais estão interligadas e o quanto a exploração do trabalho desse cortador de cana, no sistema capitalista, também nos afeta.

No livro da Editora do Brasil / FGV, a temática trabalho é discutida nos capítulos 3: “O apito da fábrica”; 6: “Trabalhadores, uni-vos!” e 13: “Quem faz e como se faz o Brasil” (total de 25 páginas). O primeiro e mais breve dos capítulos dedica-se à apresentar a divisão social do trabalho, tendo como guia a teoria de Emile Durkheim. O capítulo 6 faz, já em seu título, uma alusão à famosa frase do livro “O Manifesto Comunista”, de Karl MARx. O texto aborda, portanto, a visão marxista do trabalho, apresentando para os alunos a análise da propriedade privada, o modo de produção capitalista, a formação das classes sociais, a apresentação do socialismo e comunismo, e a compreensão sobre as desigualdades sociais. O capítulo começa utilizando um trecho do filme “Tempos Modernos”, de Charles Chaplin, referente ao momento em que o personagem apanha no chão uma bandeira vermelha e é preso acusado de líder comunista. O uso do filme é uma boa ferramenta para contextualizar o aluno sobre os movimentos revolucionários de esquerda e permite fazê-lo refletir sobre a criminalização desses pensamentos políticos ainda nos dias atuais.

O livro discute as formas contemporâneas de trabalho no capítulo 13, ao tratar do mundo do trabalho no Brasil, destacando aspectos históricos, a escravidão e o trabalho livre; e questão de gênero. No manual do professor é apontada a necessidade de



introduzir o conhecimento sobre a precarização do trabalho, as atuais maneiras de trabalho contemporâneas, os sindicatos e os movimentos sociais, como o MST.

### 2.3 - Movimentos Sociais

O livro da Imperial Novo Milênio apresenta o debate sobre os Movimentos Sociais no capítulo 15 – “Você tem fome de quê? Movimentos sociais ontem e hoje”; e também no capítulo 22 “Ocupar, resistir, produzir: a questão da terra no Brasil”, que trata dos movimentos rurais e urbanos de sem terras/ sem tetos.

A opção da autoria foi definir e caracterizar o que são movimentos sociais logo nas páginas iniciais do capítulo 15, indicando suas principais formas de atuação e características fundamentais. Trata-se de uma abordagem conceitual amplamente conhecida, tida como tradicional, pelos cientistas sociais que demonstra ser bastante didática, pois expõe de maneira clara os processos das lutas sociais. Um exemplo da transposição didática nesse tema, é a descrição detalhada da greve geral de 1917, no Brasil, deflagrada pelo movimento sindical que parou 95 mil trabalhadores no eixo Rio de Janeiro - São Paulo. O texto desse capítulo é ilustrado por fotos de passeatas, do fórum mundial de educação, um cartaz do movimento estudantil, imagem do filme Canudos, a capa do livro “O manifesto comunista”, um broche da campanha pelas “Diretas Já!” e a reprodução da capa da revista VEJA sobre o impeachment do presidente Fernando Collor.

Além desses recursos, a edição reproduz uma pauta de reivindicações do movimento sindical brasileiro do início do século XX, tal opção merece destaque por demonstrar, empiricamente, que as categorias de trabalhadores entram em greve não somente por questões salariais, mas também para reivindicar obtenção ou manutenção de direitos tais como: regulação da jornada de trabalho, segurança nos locais de trabalho, direito à sindicalização, abolição do trabalho infantil, libertação de operários presos durante a greve e recontração dos grevistas demitidos, entre outros. (Oliveira e Costa, 2010, p.193)

O livro da Ed. Saraiva, por sua vez, dedica uma unidade inteira para o tema (capítulos 14, 15, 16 e 17), destaca as lutas dos movimentos sociais na história do Brasil, valorizando o papel dos povos indígenas e dos escravos africanos que organizaram suas resistências e revoltas a partir dos quilombos que existiram até o fim

da escravidão. O livro também foca em dois movimentos que tiveram como objetivo a independência do Brasil: a Inconfidência Mineira e a Conjuração Baiana, que tinham como base a Revolução Francesa – e que foram amplamente reprimidos. Na exposição destes movimentos sociais, o livro traz mapas que mostram onde os movimentos tiveram origem e para onde se expandiram. Essa estratégia apesar de incomum em livros de Sociologia se mostra bem sucedida, já que possibilita que o aluno compreenda que os movimentos sociais não são estáticos nem quanto à sua pauta de reivindicações, nem quanto às adesões que podem ocorrer a sua luta levando em conta as diferenças identitárias e regionais

O livro da editora do Brasil/FGV apenas faz referências explícita ao conceito de movimentos sociais no manual do professor. Contudo, no livro do aluno há um destaque à campanha nacional das Diretas Já e ao processo que culminou na Constituição de 1988, com isso a autoria acaba por fazer uma menção indireta a um movimento social, embora não exponha o conceito, nem suas implicações, como no trecho a seguir:

“Quando as ruas foram tomadas em 1984 pela campanha das “Diretas Já!”, o país vinha de uma experiência de vinte anos de controle, cerceamento e falta de liberdade. É por isso que sempre que se fala em democracia e participação política no Brasil contemporâneo se faz alusão às “Diretas Já”. Partidos políticos de oposição, artistas, intelectuais, sindicatos, estudantes, meios de comunicação se mobilizaram no que ficou conhecido como o maior movimento de participação popular de nossa história” (Bomeny e Medeiros, 2010, p. 209).

Reproduzimos a passagem acima, pois é significativa para expor uma característica marcante do livro: apesar de não existir qualquer definição de movimentos sociais, a apresentação sobre direitos e a reivindicação destes, a autoria destaca o anseio da população por mudanças quanto ao acesso aos direitos no Brasil<sup>9</sup>.

#### 2.4 - Desigualdades Sociais

No capítulo 8 do livro da Imperial Novo Milênio, intitulado “‘Ganhava a vida com muito suor e mesmo assim não podia ser pior.’ O trabalho e as desigualdades sociais na História das sociedades”, apresenta-se a relação entre o trabalho e as

---

<sup>9</sup> Há uma foto da passeata pelas Diretas Já no centro de São Paulo em 16/04/1984 e esta é apresentada como a maior mobilização política já vista no Brasil.

desigualdades sociais. Os autores utilizam as teorias de Friedrich Engels para demonstrar como o Estado, na visão deste autor, é um produto da sociedade, quando esta chega a determinados graus de desenvolvimento, ou seja, sua composição em classes sociais (que possuem interesses antagônicos) gera e apresenta conflitos permanentes.

Os autores optaram por fazer a transposição didática usando uma charge, elaborada por um aluno do ensino médio, na qual estão retratadas três situações de opressão diferentes. Além da charge, é proposto o uso do filme *Gladiador* (Ridley Scott, 2000) como exemplo da conjugação/coalisão de poder militar, econômico e poder político que pode gerar submissão do conjunto da sociedade pela sua classe dominante.

O livro da Saraiva, utiliza uma unidade inteira chamada “A estrutura social e as desigualdades” com três capítulos sobre a temática. Em sua seção “Cenários”, retrata a fome no mundo, destacando as grandes transformações científicas e tecnológicas ocorridas na produção de todos os tipos de bens. Os alimentos estão inclusos neste panorama, mas ao invés do incremento na produção deste bem diminuir desigualdades sociais, estas aumentam drasticamente nos séculos XX e XXI. O livro investiga as razões através de estatísticas sobre a fome do mundo, expõe as dificuldades do acesso aos alimentos nas áreas e expõe o drama do continente africano. O livro trabalha várias estratégias didáticas combinadas para que o aluno entenda a fome como uma questão sistêmica: o uso de fotografias, o uso de estatísticas, de textos informativos. No final dos cenários há ainda exercícios para que os alunos desenvolvam por si só, com a ajuda das aulas de sociologia e do livro didático, reflexões sobre o tema.

Por fim, o livro da Ed. Do Brasil /FGV, no capítulo 16: “Desigualdades de várias ordens” apresenta ao aluno o Brasil como país desigual e com a renda altamente concentrada, o que gera/leva a outras desigualdades como as de gênero, raça, acesso à escola e trabalho. São indicadas as principais dificuldades para a obtenção de um emprego formal no Brasil, utilizando dados do IBGE que indicavam que 52% da população brasileira estava ocupada em trabalho informal. Nesse sentido, podemos dizer que o livro realiza um bom trabalho de transposição didática, à medida que ajuda o aluno a compreender a desigualdade social mediante os dados estatísticos e, com isso, a inserção penosa no mercado de trabalho de negros e mulheres na sociedade brasileira.

As autoras ainda propõem ao aluno uma reflexão sobre o caminho socialmente percorrido por indivíduos de diferentes classes sociais, enfocando a discussão sobre a igualdade de oportunidades e igualdade de condições. Para auxiliar esta tarefa são utilizados boxes de pesquisas realizadas no Brasil para demonstrar como entendemos nossa desigualdade e também para expor dados da desigualdade de gênero e da discriminação racial que dominarão o restante do capítulo, mas que não nos interessam nesse momento, pois não falam especificamente dos movimentos negro e feminista, embora deixem em aberto que há direitos a serem reivindicados e adquiridos por esses grupos sociais.

### **3. Considerações finais**

A análise deste material identificou um esforço significativo das autoras e editoras em “didatizar” as Ciências Sociais, ou seja, em transformar o conhecimento sociológico tal como ele é estudado nas universidades - o saber sábio, na terminologia chevalardiana - em um conhecimento escolar. Foram indicados vários casos de transposição didática exitosa no sentido de contribuir para a desconstrução do senso comum sobre a realidade brasileira e, sendo essa uma das finalidades atribuídas à Sociologia como disciplina escolar, seu alcance é motivo de avaliação positiva.

O uso de imagens, dados estatísticos, indicação de filmes e livros foram os métodos mais utilizados nos livros analisados. Observou-se que tal utilização teve o intuito de trazer os conceitos – que em diversas ocasiões possuem um alto grau de abstração - para a realidade do aluno que utiliza o livro. Ou seja, permite que o discente possa conhecer a perspectiva sociológica através de outras linguagens que não só a escrita. Uma importante percepção na análise é a importância que a sessão “exercícios” possui nos livros didáticos de Sociologia. Em diversos casos, percebemos este como o local em que a transposição didática é realizada com maior sucesso, já que ao construir as atividades, os autores dos livros buscam formas de fazer o aluno olhar a sua realidade e enquadrá-la em algum conceito ou autor discutido durante o capítulo. As atividades em grupo sugeridas fazem com que o aluno exercite a produção textual, levando-os à uma atitude reflexiva e criticamente ativa. Não podemos esquecer que, o conhecimento empírico do aluno, principalmente nos temas propostos neste artigo, não podem ser

desprezados, devem ser conjugados ao conhecimento científico. O aluno, nessas tarefas, se torna um produtor de conhecimento.

Apesar dos exemplos bem sucedidos de transposição didática acima comentados, avaliamos que a sociologia escolar ainda enfrenta a dificuldade de alcançar a síntese sem superficialidade. Almejando dar uma visão ampla sobre o assunto observamos que, em alguns capítulos das três edições analisadas, há uma profusão de conceitos e autores citados, sem densidade de tratamento. Assim corre-se o risco de ser panorâmico sem aprofundamento. A questão da linguagem também é outro ponto frágil e que esbarra em dilema semelhante: como apresentar conceitos complexos para alunos do nível médio de ensino? Como transformar as ciências sociais em um conhecimento acessível para jovens e adultos da educação básica?

Esse texto ofereceu uma análise preliminar de um tipo de material didático para o ensino de sociologia no Brasil, analisando três edições publicadas em 2010, o que pode ser considerada a primeira geração de livros didáticos de Sociologia utilizados amplamente nas escolas públicas do país após a entrada da disciplina no Programa Nacional do Livro Didático do MEC. Por isso, ansiamos ver, nos próximos anos, a Sociologia como uma disciplina consolidada na Educação Básica brasileira, acompanhada de materiais didáticos que sejam capazes de dar autonomia ao aluno. Ele é o ator social a quem essa produção dos livros didáticos é direcionada. Para isso, refletimos a necessidade da produção de um material que não seja meramente uma sociologia universitária “adaptada” para o ensino médio, mas de fato, uma sociologia escolar, que traga o conhecimento científico produzido nas Universidades atendendo às expectativas da Escola Básica, que é a construção de um indivíduo capaz de desconstruir o senso comum e apoderar-se criticamente do conhecimento socialmente construído pela humanidade.

#### **4. Referências Bibliográficas**

BERNSTEIN, Basil. La construction du discours pédagogique et les modalités de sa pratique. *Critiques sociales*, nº 3-4, pp. 20-58, 1992.

BOMENY, Helena; FREIRE-MEDEIROS, Bianca. *Tempos modernos, tempos de sociologia*. São Paulo: Ed. do Brasil / FGV, 2010.

CHERVEL, A. As histórias das disciplinas escolares. Reflexões sobre um domínio de pesquisa. In: Teoria & Educação. Porto Alegre: n.2, 1990. Lajolo, 1996

CHEVALLARD, Yves. La transposition didactique. Du savoir savant au savoir enseigné. Paris, La Pensée Sauvage, 1991.

CHOPPIN, A. História dos livros e das edições didáticas. Educação e Pesquisa, São Paulo, v.30, n.3, p. 549-566, set./dez. 2004 Lopes, 2007

DESTERRO, Fábio Braga do. Desigualdades Sociais em Tempos Modernos, Tempos de Sociologia e em Sociologia para o Ensino Médio. In: Handfas; Maçaira (orgs.). Dilemas e Perspectivas da Sociologia na Educação Básica. Rio de Janeiro: Ed. E-Papers/FAPERJ, 2012.

LEITE, Miriam Soares. Recontextualização e transposição didática. Introdução à leitura de Basil Bernstein e Yves Chevallard. Araraquara, SP: Junqueira & Marins, 2007.

MARANDINO, Martha. A Pesquisa educacional e a produção de saberes nos museus de ciência. In: Revista História, Ciências, Saúde – Manguinhos, Rio de Janeiro, v. 12 (suplemento), 2005.

MEUCCI, Simone. A Institucionalização da Sociologia no Brasil: primeiros manuais e cursos. São Paulo: Hucitec, Fapesp, 2011. Coan

NASCIMENTO, Lidiane Rocha do. Análise da Categoria trabalhos em livros didáticos de sociologia. In: Handfas; Maçaira (orgs.). Dilemas e Perspectivas da Sociologia na Educação Básica. Rio de Janeiro: Ed. E-Papers/FAPERJ, 2012.

OLIVEIRA, Luiz Fernandes; COSTA, Ricardo Cesar da. Sociologia para jovens do Século XXI. Rio de Janeiro: Ed. Imperial Novo Milênio, 2010.

SARANDY, Flavio. A Sociologia volta à escola: Um estudo dos manuais de sociologia para o ensino médio no Brasil. Dissertação de mestrado. Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Antropologia da UFRJ. Rio de Janeiro, 2004.

SILVA, Ileizi Fiorelli. A sociologia no ensino médio: os desafios institucionais e epistemológicos para a consolidação da disciplina. In: Revista Cronos, Natal-RN, v.8, n.2, pp.403-427, jul/dez 2007.

TOMAZI, Nelson. Sociologia para o Ensino Médio. São Paulo: Ed. Saraiva, 2010.